

A GRÉCIA PELOS OLHOS DOS PICAPPAUS: LOBATO E SUA LEITURA DE ANTIGUIDADE CLÁSSICA

*Greece through the eyes of the Woodpeckers:
Monteiro Lobato and his reading of Classical
Antiquity*

Roosevelt Araújo da Rocha Jr*

Cada um lê com os olhos que tem. No que diz respeito às obras infantis de Monteiro Lobato, muitos as leem com olhos de sociólogo ou de historiador, tentando encontrar ali referências a situações reais e críticas mais ou menos cifradas nas entrelinhas das aventuras dos picapaus. Outros costumam fazer leituras com olhos de pedagogo, tentando extrair do texto lições acerca da melhor maneira de ensinar conteúdos programáticos a seres em formação que, de modo geral, não entendem o motivo de aprender coisas a princípio tão distantes do seu cotidiano. Eu, de minha parte, leio com olhos de helenista principiante, olhos de pretensão especialista na literatura, na história e na cultura dos povos da Grécia Antiga.¹

Por isso, há alguns anos, quando decidi ler *O Minotauro*, para tentar preencher uma lacuna da minha formação, surpreendi-me com a quantidade de referências à Grécia presentes nesse e em outros livros infantis de Lobato. E o aspecto que mais chamou minha atenção naquela época foi que, de modo geral, quando ele fala dos gregos antigos através de seus personagens, essas referências são fortemente positivas e, certamente, ajudaram a criar, entre os seus leitores, uma imagem da Antiguidade Clássica idealizada e “distorcida”. É verdade que, em alguns momentos, Lobato critica os antigos, principalmente por causa da existência da escravidão entre aqueles povos. Entretanto, no geral, as opiniões de nosso autor parecem-me

* UFPR

¹ Quero agradecer aos avaliadores anônimos da revista pelas críticas e sugestões. Devo também prestar um reconhecimento especial à professora Milena Ribeiro Martins, do DELIN-UFPR, pelas discussões de grande valor que pude ter com ela. Uma versão preliminar deste trabalho foi apresentada no 17º COLE, em julho de 2009, na Unicamp.

entusiasmadamente elogiosas em relação aos helenos.

Lendo Lobato, fica claro que suas opiniões foram marcadas pela ideologia do chamado “Milagre Grego”. Esse tipo de concepção, segundo a qual todas as realizações da Grécia Antiga não poderiam ser entendidas satisfatoriamente como simples consequências de eventos históricos, teve grande aceitação nos meios acadêmicos e letrados do final do século dezanove até meados do século vinte. Lobato conheceu as obras de Lecomte de Lisle, Ernest Renan, Anatole France e, inclusive, revisou a tradução e publicou pela Companhia Editora Nacional (de sua propriedade, na época) alguns livros de Will Durant. Nas obras desses autores está presente aquela concepção idealizada da Grécia Antiga que encontramos nas obras lobatianas, como demonstra muito bem Topan (2007, p. 40 *et seq.* e 60-67).

Para tentar entender de onde vieram essas opiniões seria de grande interesse fazer uma pesquisa naquilo que sobrou da sua biblioteca (por exemplo, no Centro de Documentação Cultural “Alexandre Eulalio”, no IEL-Unicamp e na Biblioteca Infantil Monteiro Lobato, na Vila Buarque, em São Paulo), para saber que livros Lobato leu e de que maneira essas leituras marcaram suas interpretações acerca dos antigos helenos. Mas parece que a biblioteca de Lobato perdeu-se por causa de suas constantes viagens, mudanças de domicílio, falências e descuido dos guardiões do seu espólio. Então uma alternativa interessante seria examinar a sua rica correspondência publicada em *A Barca de Gleyre* e nas *Cartas Escolhidas*, por exemplo, e estudada por vários pesquisadores.²

O que vou tentar fazer aqui, então, é um rápido percurso por alguns livros da obra infantil de Lobato, comentando textos que tratam de temas gregos, desde as *Fábulas* até *Os Doze Trabalhos de Hércules*, para entender melhor a visão que ele apresenta da Grécia Antiga e demonstrar sua filiação em relação àqueles autores da segunda metade do século dezanove e primeiro quartel do século vinte, que teorizaram acerca do “Milagre Grego”.

A primeira incursão de Lobato a um tema relacionado à Antiguidade Clássica se deu quando decidiu fazer adaptações de *Fábulas*, de Esopo, Fedro e La Fontaine, dentre outros autores, para o público infantil brasileiro. Esse projeto passou por várias fases, desde 1921, data de sua primeira publicação, até a edição final de 1944, nas obras completas publicadas primeiro pela Companhia Editora Nacional e depois pela Editora Brasiliense.³ Na primeira edição havia apenas 29 fábulas, na maioria adaptações de textos de um dos autores clássicos. Mas, já na edição de 1922, o número de narrações chegou a 77. Na edição final, o número caiu para 74 e assim

² Em *A Barca de Gleyre*, em cartas de 1908, Lobato fala de Homero. Ver também em *Cartas Escolhidas*, missiva de 31 de Agosto de 1944.

ficou. Além disso, com o passar do tempo, apareceu a intervenção da turma do Sítio, com a Dona Benta fazendo o papel de explicadora de pontos obscuros de vocabulário e de questões morais. Ou seja, nas *Fábulas*, de Lobato, Dona Benta é quem arremata com a moral da história.

Sobre as *Fábulas*, o que interessa dizer aqui é que, nesse livro, ainda não encontramos comentários de nenhum tipo sobre a cultura grega. Contudo, penso que é significativo esse primeiro movimento de nosso autor de volta a uma forma que surgiu na Antiguidade justamente no momento em que seu principal objetivo era comunicar-se com as crianças. Com o tempo, Lobato intensificará sua produção para o público infantil, graças ao grande sucesso de vendas obtido com esse gênero, e aproximar-se-á ou mesmo adentrará o mundo da fantasia, no qual a imaginação é soberana. E, certamente, Lobato pensava que um dos momentos em que o poder da imaginação mais se afirmou foi o período antigo da história grega.

E, por falar em história, é no livro *História do Mundo para as Crianças*, de 1933, que encontraremos os primeiros comentários mais explícitos de Lobato sobre a Grécia Antiga. Esse texto é uma adaptação da *Child's History of the World*, de V. M. Hillyer. É a primeira tentativa de Lobato no que já foi chamado de livro paradidático, que tem como objetivo tornar os conteúdos escolares mais agradáveis e divertidos. E nisso ele teve grande sucesso. Mas, voltando ao nosso tema, antes ainda de falar das opiniões de Lobato sobre a Grécia Antiga, há um elemento da narrativa que chama a atenção desde o início, isto é, o desejo de aproximar a Hélade ao Sítio o máximo possível. Isso se manifesta no uso constante da analogia, especificamente pela Emília, quando Dona Benta fala do alimento e da bebida dos deuses, ambrosia e néctar, e Pedrinho não entende do que se trata. Para Emília, ambrosia não passa de pamonha de milho verde (p. 34).⁴ Esse elemento me chamou a atenção, porque ele reaparecerá em *O Picapau Amarelo* e em *O Minotauro* e é um dado que nos lembra do uso constante da intertextualidade por Lobato dentro de sua própria obra.

Para nosso autor, de modo geral, as coisas que vêm da Grécia são melhores do que o que foi produzido por outros povos e melhores do que tudo que existe hoje em dia. Aliás, essa é outra característica importante presente na obra lobatiana: um desencanto em relação à ideia de progresso que vai se manifestando e crescendo com o passar dos anos. Mas um exemplo de um aspecto da cultura grega que seria melhor é a religião: “Era alegre e poética” (p. 36), diferente da religião dos hebreus e dos egípcios.

³ Sobre isso ver o artigo de Loide Nascimento de Souza no livro organizado por Lajolo e Ceccantini (2008, p.103-119). Ver também a dissertação de Perrone (2002).

⁴ Todas as citações de Monteiro Lobato são tiradas da edição de 1968 das suas Obras Completas, publicadas pela Editora Brasiliense, em São Paulo.

Na sequência, Lobato trata da guerra de Troia, em cuja história há muito de lenda, “porque os gregos eram criaturas ricas de imaginação” (p. 38). Aqui é interessante notar que Lobato não reproduz as narrativas míticas ao pé da letra. Lembremos que seu objetivo era tornar essas histórias acessíveis às crianças de sua época. Para isso, ele “facilita” a linguagem e adapta os mitos de maneira muito platônica, eu diria, porque há uma seleção dos elementos que são interessantes para uma criança saber: as aventuras, as façanhas, as reviravoltas. Mas aquilo que o mito tem de violento e de imoral é evitado nas adaptações lobatianas. Desse modo, o mito em Lobato é uma narrativa domada por uma racionalidade que tem como objetivo educar e formar o caráter infantil. Contudo, sem prender a imaginação e sem tolher a liberdade da criança, já que na construção das narrativas há sempre espaço para a intervenção da voz dos meninos e da Emília.

Depois, quando Dona Benta fala dos Jogos Olímpicos, Pedrinho, como seria de se esperar de seu caráter aventureiro e inclinado a competições, fica entusiasmado com o espírito agonístico dos antigos helenos e diz: “Estou me simpatizando muito com os gregos. Se tivesse de escolher um país antigo para morar, não queria outro senão a Grécia” (p. 51). Parece até que Lobato já estava planejando as aventuras dos picapaus pela Hélade que viriam anos depois, afinal “A Grécia desse período foi um maravilhoso país”, como responde Dona Benta ao comentário de seu neto.

Entretanto, nem tudo era perfeito na Grécia Antiga visitada pelos picapaus. Lá também havia lutas entre ricos e pobres. Para acabar com essas lutas, os atenienses chamaram um homem sábio, Sólon, para criar leis imparciais, que não favoreciam somente um dos lados. E depois, como as disputas continuassem, Clístenes apareceu para criar a lei que dava direito de voto a todos os homens, ricos ou pobres, nas decisões da cidade.

Depois das guerras contra os Persas, a Grécia passou por uma Idade de Ouro. Nessa época, surgiu um homem de grande inteligência, eloquência e habilidade política: Péricles. Naquele tempo, os gregos inventaram o teatro, que “era coisa muito mais importante e muito diferente do de agora” (p. 85). Além disso, em Atenas apareceu também Sócrates, “o melhor e mais sábio homem que a humanidade já produziu” (p. 90). Mas não era sempre que os gregos antigos tratavam bem seus expoentes. E isso é um motivo para um dos meninos criticar os gregos: “Que horror, vovó! Já estou ficando com ódio desses gregos. Por uma coisinha à toa mataram Fídias, que era o maior escultor; agora vão matar Sócrates, o melhor e mais sábio dos homens! Isso é demais.” (p. 91). Depois da Guerra do Peloponeso, a Grécia não seria mais a mesma. Seria dominada pelos macedônios, depois pelos romanos, depois por povos bárbaros e pelos turcos. Ela só renasceria na Itália, muitos séculos depois. Mas até hoje as pessoas se comportam

mal, preferem usar a guerra para resolver desavenças. Contudo, Dona Benta acredita que chegará a era do juízo para a Humanidade, quando todos resolverão suas questões com a filosofia de Sócrates, em vez de darem tiros e facadas: “O tempo, só o tempo pode curar o grande defeito da Humanidade – que é ser muito criança ainda” (p. 308).⁵

Continuando com sua empreitada educativa, Lobato escreve alguns anos depois uma *Geografia de Dona Benta*. Nesse livro, mais uma vez, encontramos comentários altamente positivos em relação à Grécia Antiga. A grande Grécia “de que vivemos a falar” se desenvolveu num pedaço de terra insignificante e, segundo Dona Benta, “não é à toa que os sábios⁶ a consideram como um milagre – como alguma coisa fora do natural, do normal” (p. 224). E ela continua: “A Grécia foi um clarão, cuja luz até hoje ilumina o mundo... o Ocidente...”. Até mesmo nós, brasileiros, não tecemos nenhum pensamento sem usar ideias e palavras gregas. Como arremata Dona Benta, “a Grande Grécia vive dentro de nós, nas nossas palavras e nas nossas ideias”.

Alguns anos depois, Lobato escreve um livro realmente genial: *O Picapau Amarelo*. Nele, nosso autor junta e mistura todas as histórias infantis já traduzidas, adaptadas e inventadas por ele até então (1939). Depois de todas as aventuras e peripécias vividas pelos picapaus no mundo da fantasia, os personagens dos mitos, das lendas e das histórias infantis começaram a ficar com saudades da turma do Sítio. Qual seria a solução? A ideia de Lobato é surpreendente: fazer com que todos os seres da fantasia se mudem para o Picapau Amarelo. Antes, porém, Dona Benta acha melhor adquirir duas fazendas vizinhas, que são transformadas numa única região chamada, a partir de então, “Terras Novas”. Quando os personagens da fábula começam a se mudar, junto vão também os monstros, heróis e divindades da mitologia grega, “a mais rica de todas” (p. 42). E um papel especial nessa narrativa está reservado para Belerofonte e seu cavalo Pégaso.

No capítulo XI, o herói conta sua história. Ali Lobato divaga: “Ah, a Grécia foi a verdadeira juventude da Imaginação Humana. Depois da Grécia essa imaginação foi ficando adulta e sem graça – lerda. Nunca mais teve o poder de criar maravilhas verdadeiramente maravilhosas” (p. 66). Então Emília pede a Belerofonte que conte sua história. É preciso lembrar que o herói era belíssimo, muito mais bonito do que qualquer pessoa de hoje em

⁵ Às vezes, Lobato me parece contraditório: ora a infância é boa, porque é a época em que a imaginação é livre; mas, em outros momentos, as crianças são vistas como seres irracionais, que agem somente por instinto e partem logo para a violência. É preciso explorar essa questão.

⁶ Dentre os sábios aos quais Lobato está se referindo estão certamente Ernest Renan, Anatole France, Lecomte de Lisle e Will Durant. Os nomes desses autores aparecem na correspondência de Lobato publicada em *A Barca de Gleyre*, por exemplo. As referências completas são encontradas na dissertação de Topan, (2007, p. 60-67).

dia: “as gentes de hoje parecem verdadeiras corujas” perto dos gregos antigos (p. 67). Lobato, então, conta a história de Belerofonte, mas de uma maneira bastante diferente daquela encontrada nos textos da literatura grega. Nosso autor omite passagens violentas ou moralmente chocantes que representariam uma pedra no sapato de alguém que estivesse contando histórias para crianças. Um exemplo: Belerofonte vence a Quimera, mas não a mata. Ao contrário, a Quimera, na narrativa lobatiana, acaba se tornando uma espécie de bicho de estimação do herói.⁷

Mais adiante, Lobato leva seus personagens a fazer um cruzeiro pelos mares das Terras Novas. Nessa viagem, Dona Benta, mais uma vez, põe-se a contar “coisas interessantes do mundo maravilhoso dos gregos” (p. 135). Eles estão indo ao bairro grego para um breve passeio, mas, como a senhora Encerrabodes diz, “havemos de voltar para uma estada longa. Ah, como vocês hão de apreciar a Grécia!...”. As histórias de Dona Benta deixam os meninos assanhados: Emília quer morar na Grécia a vida inteira; Pedrinho faz grandes planos; Narizinho diz que há muito tempo só sonha com a Grécia. Lobato, decerto, já estava planejando o que viria a seguir. E isso se confirma com as palavras de Dona Benta: “Pois muito bem. [...] Nossa próxima viagem de aventuras será pela Grécia – e dará um livro”. Emília então faz várias propostas de títulos para o livro. Todas descabidas e recusadas, é claro. No bairro grego, os picapaus veem várias maravilhas, o que faz Narizinho exclaimar: “Quantas belezas, vovó! Lá, sim, vale a pena aventurar...” (p. 136).

No fim do livro, quando Branca de Neve está para se casar com o Príncipe Codadade, acontece algo que lembra uma passagem da mitologia grega. A festa foi enorme. Todos os seres fabulosos foram convidados. Bem, nem todos. Houve alguns “penstras” que causaram confusão. Os monstros fabulosos resolveram estragar a festa, porque ficaram ofendidos por não terem sido convidados pelo Príncipe Codadade. Da mesma maneira que a deusa Discórdia ficou ofendida por não ter sido convidada para o casamento de Tétis e Peleu. Foi por isso que ela lançou o pomo da discórdia. O que, por sua vez, acabaria levando à Guerra de Troia. Mas, em Lobato, a confusão terá um fim melhor: Tia Nastácia será sequestrada por um dos monstros, o Minotauro, e esse será o mote para o próximo livro da série.

Nessa nova aventura, não é mais a Grécia que vai para o Sítio, mas os picapaus é que vão para a antiga Hélade, inclusive Dona Benta.⁸ Eles precisam encontrar Tia Nastácia e resgatá-la das garras de um monstro terrível, pois não podem viver sem seus quitutes deliciosos. Nessa nova

⁷ Sobre o tratamento do mito em Lobato, ver Maziero (2006, p. 24-25).

⁸ Sobre *O minotauro e os doze trabalhos de Hércules*, ver os interessantes comentários de Vasconcellos (1982, p. 81-84).

viagem, Lobato retoma discussões e temas já tratados em livros anteriores. Em *O Minotauro*, encontramos aquela visão altamente positiva da Grécia, que “tornou-se o maior povo da antiguidade pelo brilho da inteligência e pelas realizações artísticas”, segundo Dona Benta (p. 4). A Grécia teria sido tão grande que, segundo Lobato, falando através da boa vovó, “até hoje o mundo anda *impregnado*⁹ de Grécia. Mesmo aqui neste nosso continente americano que era só bugres no tempo da Grécia, sentimos a impregnação grega”. Segundo nosso autor, a Grécia continuaria viva no nosso vocabulário, nas nossas ideias e na nossa arquitetura¹⁰ e existiria uma ligação direta entre os antigos helenos e nós. Daí faz sentido os sábios falarem do “milagre grego” (p. 7) que surgiu na antiguidade e continua reverberando até nossos dias. Por isso, Dona Benta conclui: “A Grécia está no nosso idioma, no nosso pensamento, na nossa arte, na nossa alma; somos muito mais filhos da Grécia do que de qualquer outro país” (p. 8).

Depois dessa preparação ideológica, os picapaus rumam para a Grécia Antiga. Primeiro eles chegam à época clássica, o século V a. C., em Atenas, tempo em que encontrarão Péricles, Sócrates e Fídias, dentre outros personagens da história grega. Mas, antes de aportarem no Pireu,¹¹ lembram por que razão os gregos foram grandes: entre eles havia liberdade. Só com liberdade o homem prospera e vive feliz. E esse é um traço que liga e identifica a Grécia e o Sítio. Por isso, Dona Benta pode dizer: “A Grécia, meus filhos, foi o Sítio do Picapau Amarelo da antiguidade, foi a terra da Imaginação às soltas” (p. 17). Depois dessa observação de sua avó, Pedrinho exclama: “Que delícia viver na Grécia daquele tempo!” (p. 18). Dona Benta concorda: “Sim, meus filhos. A vida lá era um prazer – era o prazer dessa mesma liberdade que vocês gozam no sítio. O prazer de sonhar e criar a verdade e a beleza. Nunca houve no mundo tão intensa produção de beleza como na Grécia – e o que ainda há de beleza no mundo moderno é pálida herança da vida de lá”. E Emília arremata gritando: “Viva o Sítio do Picapau Amarelo da antiguidade!”.

Entretanto, como já aconteceu na *História do Mundo para Crianças*, junto com a atitude de reverência, há também espaço para a crítica. Pois, embora a Grécia tenha sido a terra da liberdade e da criação, havia a escravidão que manchava esse quadro idílico pintado pelos ideólogos do “milagre grego”. A princípio, pode parecer contraditório Lobato elogiar tanto os gregos e depois criticá-los. Na verdade, é muito comum encontrarmos em seus livros veementes críticas à Modernidade também, embora haja a todo momento louvores aos avanços tecnológicos produzidos pela ciência

9 Em itálico no original.

10 “O monumento do Ipiranga, em S. Paulo, é grego dos pés à cabeça” (p. 7).

11 Cidade portuária a cerca de 8 quilômetros de Atenas.

moderna. Tenho a impressão de que Lobato, como todo visionário, com sua literatura, pretendia criar um mundo ideal, onde havia espaço tanto para o elogio daquilo que merecia ser louvado, do seu ponto de vista, mas também deveria haver oportunidade para se criticar tudo quanto fosse passível de crítica. Acredito também que, com o passar dos anos, Lobato foi se distanciando cada vez mais de discussões ligadas à realidade, ao mundo da razão, e foi se aproximando e, por fim, mergulhando completamente no mundo da imaginação, da infância, da criação. E como a Grécia teria sido o lugar onde a imaginação e a liberdade teriam sido soberanas, seria natural que ele desejasse voltar àquele estado de livre criação primordial, em que as aventuras não tinham fim.

E, se alguém estava em busca de aventuras e grandes feitos, como era o caso de Pedrinho, nenhum lugar poderia ser melhor do que o universo lendário, mitológico da cultura grega. E, nesse universo, o maior herói foi Hércules. Daí o mote para o 13º trabalho de Lobato: *Os Doze Trabalhos de Hércules*.¹²

“Aquele Grécia” (p. 4) não saía da cabeça de Pedrinho. As aventuras vividas em *O Minotauro* deixaram saudades. Nos *Doze Trabalhos* não encontramos aqueles comentários elogiosos que mostravam uma Grécia idealizada com tanta frequência, mas acredito que o fato de Lobato voltar ao tema e, inclusive, terminar sua obra com essas novas aventuras na antiga Hélade já constitui uma demonstração de grande amor pelos temas da antiguidade grega. Um dado importante que aparece no segundo parágrafo da p. 2 da edição de 1968 é uma citação de Anatole France. Nas palavras do autor francês, Hércules era um brutamontes, mas tinha bom coração: ele cometia atos tremendos, mas sentia remorso pelas violências cometidas por ele. Esse é um exemplo claro do modo idealizado como alguns autores do final do século XIX e começo do século XX tratavam da Grécia Antiga.

Além disso, na p. 38, vemos mais uma vez Lobato identificando a Grécia e o Sítio, quando Emília tenta explicar a Hércules que sítio era aquele. Segundo a ex-boneca, o Sítio era “a nossa Grécia Heroica lá do mundo moderno, no século 20”. Adiante, na p. 51, Emília tem a ideia de convencer Hércules a ir passar uns tempos no Picapau Amarelo. Não havia nada demais nisso. Ele não sentiria nenhuma diferença de clima, “porque aquilo lá é uma Grécia, do mesmo modo que esta Grécia aqui é o sítio de Dona Benta da antiguidade”. Como já disse antes, o Sítio, assim como a Grécia, era o lugar onde reinavam a liberdade e a imaginação e onde as aventuras não tinham fim e para todo problema havia alguma solução.

12 Sobre *Os doze trabalhos*, ver as dissertações de Oliveira (2006) e Lacerda (2008).

Contudo, como já vimos antes também, a Grécia de Lobato não estava isenta de defeitos. Na p. 34, por exemplo, Emília encontra oportunidade para criticar o Oráculo de Delfos. Segundo a ex-boneca, “não há patifaria maior. A Pítia deixa-se subornar, e dá palpites de acordo com os que melhor lhe pagam. A patifaria humana é eterna, como diz o Visconde”. Outras vezes, Lobato reconhece o valor dos avanços tecnológicos existentes no mundo moderno e chega mesmo a dizer na p. 44: “Em comparação com a nossa época moderna, vocês são atrasados demais...”

Desse modo, vimos que na paisagem helênica de Lobato há espaço para idealização, mas há oportunidade também de criticar. Contudo, depois desta breve exposição, o que me parece importante destacar é o percurso que Lobato realiza, desde as primeiras edições das *Fábulas* até os *Doze Trabalhos*, partindo de um ponto de vista educativo, formador, ainda bastante adulto e chegando a uma situação de completa identificação com as crianças, com uma possível “mentalidade infantil” nos seus últimos livros. Lembremos que nas *Fábulas* as crianças interferem relativamente pouco, mas Dona Benta explica, esclarece, dá a moral da história e, por fim, educa os meninos. Essa atitude vai se repetir, grosso modo, na *História do mundo para as crianças* e na *Geografia da Dona Benta*, em que as crianças perguntam e comentam, mas quem lê e explica os conteúdos é a senhora Encerrabodes. Contudo, em *O Picapau Amarelo*, a situação muda: agora a Grécia vai até o Sítio e esse contato vai se tornando cada vez mais íntimo e as crianças vão se tornando mais ativas. Depois, em *O Minotauro*, os picapauts vão à Grécia, ou melhor, às Grécias, a Clássica e a Lendária. Dessa vez, os habitantes do Sítio interagem mais ainda com os personagens helênicos e Pedrinho, Emília e o Visconde começarão a se tornar verdadeiros heróis da mitologia grega. Em *Os Doze Trabalhos de Hércules*, por fim, nossos três aventureiros transformam-se em companheiros do maior herói da Antiguidade, indispensáveis nos momentos difíceis das empreitadas do guerreiro. Desse modo, ao mesmo tempo em que Lobato vai se distanciando do mundo dos adultos e mergulhando no universo infantil, os personagens do Sítio vão se aproximando da Grécia até quase tornarem-se verdadeiros gregos, poderíamos dizer.

Assim, Lobato apresenta-se como herdeiro da ideologia do “milagre grego”, ao divulgar e aclimatar uma Grécia superestimada no nosso país, através da turma do Sítio. Mas acredito também que foi além dessa ideologia e encontrou espaço para criticar aquilo que acreditava equivocado na cultura grega, mostrando capacidade de criar um pensamento independente. Dessa maneira, só há uma conclusão possível: é preciso reler Lobato, assim como é preciso reler a Grécia Antiga.

RESUMO

Em alguns de seus livros mais famosos, Monteiro Lobato transporta as personagens do *Sítio do Picapau Amarelo* para a Grécia Antiga e conta histórias nas quais Emília, Narizinho, Pedrinho, Dona Benta e Tia Nastácia interagem com importantes personagens da mitologia e da história da antiguidade helênica. Mas Lobato não faz isso de maneira, digamos, isenta e imparcial. Ao contar suas histórias, ele revela quais são suas opiniões sobre os antigos gregos e esses pontos de vista, muitas vezes, podem ser considerados bastante preconceituosos. Meu objetivo, com este artigo, são discutir passagens selecionadas de algumas das obras infantis nas quais Lobato apresenta suas opiniões pessoais sobre a Grécia Antiga e demonstrar sua filiação em relação a autores, principalmente da segunda metade do século dezanove, que teorizaram acerca do 'Milagre Grego'. Além disso, é minha intenção mostrar que Lobato foi se distanciando do mundo dos adultos e se aproximando do universo infantil ao mesmo tempo em que mergulhava na Grécia mitológica e clássica.

Palavras-chave: *Lobato; Grécia antiga; mitologia; milagre grego.*

ABSTRACT

In some of his most famous books, Monteiro Lobato transports the characters of his *Sítio do Picapau Amarelo* to the ancient Greece and tells stories in which Emília, Narizinho, Pedrinho, Dona Benta and Tia Nastácia interact with important mythological and historical characters of Hellenic Antiquity. But Lobato doesn't do that in an exempt and impartial way, so to say. When he tells his stories, he reveals his opinions about the ancient Greeks and these viewpoints, often, can be considered very prejudiced. My aims, with this paper, are to discuss selected passages taken from some of his works for children in which Lobato presents his personal opinions on ancient Greece and to demonstrate that there was a strong link between him and the authors of the 'Greek Miracle', mainly from the second half of the 19th century. In addition, it is my intention to show that Lobato, at the same time that he was taking distance from the adult world, was coming close to the universe of children and diving in the Mythological and Classical Greece.

Keywords: *Lobato; Ancient Greece; mythology; Greek Miracle.*

REFERÊNCIAS

- LACERDA, V. A. *Um mergulho na Hélade: mitologia e civilização grega na literatura infantil de Monteiro Lobato*. Dissertação (Mestrado) UFMG, PPGL-Estudos Literários. Belo Horizonte, 2008. Disponível em <http://www.bibliotecadigital.ufmg.br/dspace/bitstream/1843/ECAP-7DXJL5/1/disserta__o__vitor_amaro_lacerda.pdf>. Acesso em: 07/08/2009.
- LAJOLO, M.; CECCANTINI, J. L. (Orgs.). *Monteiro Lobato livro a livro: Obra Infantil*. São Paulo: Unesp/Imprensa Oficial do Estado de São Paulo, 2008.
- MAZIERO, M. das D. S. *Mitos gregos na literatura infantil: que Olimpo é esse?* Dissertação (Mestrado) – Universidade Estadual de Campinas, Faculdade de Educação. Campinas, 2006. Disponível em <<http://libdigi.unicamp.br/document/?code=vtls000379626>>. Acesso em: 07/08/2009.
- OLIVEIRA, D. de *Os doze trabalhos de Hércules: estilização do mito na obra lobatiana*. Dissertação (Mestrado) – Universidade Presbiteriana Mackenzie. São Paulo, 2006. Disponível em: <<http://www.dominiopublico.gov.br/download/texto/cp031077.pdf>>. Acesso em: 07/08/2009.
- PERRONE, C. A. *Do mito à fábula: releituras de Lobato*. Dissertação (Mestrado) – Universidade de São Paulo, Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas. São Paulo, 2002.
- TOPAN, J. de S. *O "Sítio do Picapau Amarelo na Antiguidade": singularidades das Grécias lobatianas*. Dissertação (Mestrado) – Universidade Estadual de Campinas, Faculdade de Educação. Campinas, 2007. Disponível em: <<http://libdigi.unicamp.br/document/?code=vtls000412702>>. Acesso em: 07/08/2009.
- VASCONCELLOS, Z. M. C. de. *O universo ideológico da obra infantil de Monteiro Lobato*. Santos: Traça, 1982.

Enviado em: 11/08/2009

Aceito em: 02/12/2009